

DESCARTES: OS QUATRO PRECEITOS DO DISCURSO DO MÉTODO

Paulo R. R. Rodrigues*

SÍNTESE – Descartes ao compor o seu *Discurso do Método* nos apresenta os quatro preceitos do método que é o modo de bem conduzir a razão. Estes quatro preceitos, a evidência, a divisão, a condução em ordem dos pensamentos do simples ao complexo e por fim fazer as enumerações completas e revisões, são capazes, como instrumento, de levar seu espírito à conquista da verdade. Pois são regras fáceis que tornam impossível tomar o falso por verdadeiro. E são exatamente quatro porque devem ser poucas as regras para de fato serem cumpridas. É neste sentido que este pequeno artigo desenvolve os quatro preceitos do *Discurso do Método* de Descartes.

PALAVRAS-CHAVE – discurso, método, dúvida, verdade, razão, evidência e intuição.

ABSTRACT – Descartes' *Discourse on the Method* which is the way for better directing the mind introduces us to its four precepts. The evidence, the division, the way of carrying on the thoughts in order from the simplest to the most complex one and the complete enumerations and reviews, used as instruments can lead one's spirit to archive the truth. These are simple rules that make it impossible for one to take something false as if it was true. They are precisely four because a few rules will actually be most strictly observed. It's in this sense that the present article develops the four precepts in Descartes' *Discourse on the Method*.

KEY WORDS – discourse, method, doubt, true, reason, evidence and intuition.

Descartes, no *Discurso do Método*, apresenta os quatro preceitos do método. Diz o texto:

“O primeiro era de jamais acolher alguma coisa como verdadeira que eu não conhecesse evidentemente como tal; isto é, de evitar cuidadosamente a precipitação e prevenção, e de nada incluir em meus juízos que não se apresentassem tão clara e tão distintamente a meu espírito, que eu não tivesse nenhuma ocasião de pô-lo em dúvida.

O segundo, o de dividir cada uma das dificuldades que eu examinasse em tantas parcelas quantas possíveis e quantas necessárias fossem para melhor resolvê-las.

O terceiro, o de conduzir por ordem meus pensamentos, começando pelos objetos mais simples e mais fáceis de conhecer, para subir, pouco a pouco, como por degraus, até o conhecimento dos mais compostos, e supondo mesmo uma ordem entre os que não se procedem naturalmente uns aos outros.

* Mestrando em Filosofia na PUCRS.

E o último, o de fazer em toda parte enumerações tão completas e revisões tão gerais, que eu tivesse a certeza de nada omitir.”¹

E nos diz por onde começar:

“E não me foi muito penoso procurar por quais devia começar, pois já sabia que havia de ser pelas mais simples e pelas mais fáceis de conhecer; e, considerando que, entre todos os que precedentemente buscaram a verdade nas ciências, só os matemáticos puderam encontrar algumas demonstrações, isto é, algumas razões certas e evidentes, não duvidei de modo algum que não fosse pelas mesmas que eles examinaram; embora não esperasse disso nenhuma outra utilidade, exceto a de que acostumaríamos o meu espírito a se alimentar de verdades e a não se contentar com falsas razões” (*Idem, ibidem*, p. 55-56).

Assim sabemos pelo próprio Descartes que seu método é um instrumento capaz de levar seu espírito à conquista da verdade. Nesta sua busca da verdade, quer aprender e conhecer o mundo e os homens. Mas nisto também encontra contradição e diversidade, o que o faz partir para o isolamento de onde indaga sobre a verdade de outro modo, isto é, não mais fora de si. Como podemos notar em seu texto:

“Achava-me, então, na Alemanha, para onde fora atraído pela ocorrência das guerras, que ainda não findaram, e, quando retornava da coroação do imperador para o exército, o início do inverno me deteve num quartel, onde, não encontrando nenhuma freqüentação que me distraísse, e não tendo, além disso, por felicidade, quaisquer solitudes ou paixões que me perturbassem permaneci o dia inteiro fechado sozinho num quarto bem aquecido, onde dispunha de todo vagar para me entreter com os meus pensamentos. Entre eles, um dos primeiros foi que me lembrei de considerar que, amiúde, não há tanta perfeição nas obras compostas de várias peças, e feitas pela mão de diversos mestres, como naquelas em que um só trabalhou” (*Idem, ibidem*, p. 48).

É dentro deste contexto que surgem os quatro preceitos do método. O que Descartes até então possuía eram considerações tidas como abstratas. Com isso não se contenta e começa a “contar” no sentido mais literal da palavra a sua estada na Alemanha, para onde o haviam levado “as guerras que ainda não terminaram”, isto é, a Guerra dos Trinta Anos (1618-1648), e como ao voltar da coroação do Imperador Fernando, teve de ficar num quartel de inverno, isolado num quarto com estufa e na mais completa solidão. Neste ambiente, com folga para se dedicar aos seus pensamentos, cria os quatro preceitos do método. Descartes, na solidão, exercita seu pensamento, faz-se perguntas, procura provar as respostas e evitar o erro, reconstrói o caminho – método – seguido. Com isso desfez-se, ou faz o possível para desfazer-se das opiniões que lhe haviam ensinado e decide seguir apenas a sua própria razão.

E é para reformar o seu próprio pensamento que Descartes encontra os quatro preceitos:

“Nunca o meu intento foi além de procurar reformar meus próprios pensamentos, e construir num terreno que é todo meu. De modo que, se, tendo minha obra me agradado bastante, eu vos mostro aqui o seu modelo, nem por isso quero aconselhar alguém a imitá-lo” (*Idem, ibidem*, p. 51).

¹ DESCARTES, René. *Obra escolhida*. Introd. de Gilles Gaston Granger; prefácios e notas de Gérard Lebrun; trad. de J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994, 444 p., p. 53-54.

Queria apresentar regras certas e fáceis que, sendo observadas exatamente por quem quer que seja, tornem impossível tomar o falso por verdadeiro. E a razão de serem quatro os preceitos é dada pelo próprio Descartes.

“E, como a multidão de leis fornece amiúde escusas aos vícios, de modo que um Estado é bem melhor dirigido quando, tendo embora muito poucas, são estritamente cumpridas; assim, em vez desse *sic* grande número de preceitos de que se compõe a lógica, julguei que me bastariam os quatro seguintes, desde que tomasse a firme e constante resolução de não deixar uma só vez de observá-los” (*Idem, ibidem*. p. 53).

E neste momento encontramos a primeira regra do método, mas que é também a última, enquanto é o ponto de chegada, é a regra da evidência, que está assim enunciado:

“O primeiro era o de jamais acolher alguma coisa como verdadeira que eu não conhecesse evidentemente como tal; isto é, de evitar cuidadosamente a precipitação e a prevenção, e de nada incluir em meus juízos que não se apresentasse tão clara e tão distintamente a meu espírito, que eu não tivesse nenhuma ocasião de pô-lo em dúvida” (*Idem, ibidem*, p. 53).

Mais do que uma regra, trata-se de um princípio normativo fundamental, exatamente porque tudo deve convergir para a clareza e a distinção, nas quais, precisamente, se forma a evidência. Falar de idéias claras e distintas e falar de idéias evidentes é a mesma coisa. A evidência não é nada mais e nada menos do que não possuir dúvida, mas ter a clareza suficiente e necessária sobre o que está pensado. A clareza e a distinção é que nos darão o verdadeiro. Também é na clareza e na distinção que está fundada a idéia verdadeira. Ela, a idéia verdadeira, é uma percepção aberta à atenção da mente. E já distinção que também é clareza, pois está separada e depurada de todas as outras, e portanto, tende a resistir a qualquer dúvida. Assim clareza e distinção é admitir apenas como reais aquelas propriedades que consigam conceber de modo distinto no meu pensamento. Notamos neste primeiro princípio que as coisas devem ser evidentes por si mesmas, sem necessidade de argumentação, ora isso é, que sejam obtidas por intuição. Ou seja, ela mesma se autojustifica sem necessitar de explicação, ela é imediata, por isso é verdadeiro tudo aquilo que concebemos muito claramente e muito distintamente. A intuição nos fornece o critério da evidência, pois se apresenta clara e distinta.

A segunda regra é a de:

“O segundo, o de dividir cada uma das dificuldades que eu examinasse em tantas parcelas quantas possíveis e quantas necessárias fossem para melhor resolvê-las” (*Idem, ibidem*, p. 54).

É no fundo, a defesa do método analítico. Único que pode levar à evidência, porque, desarticulando o complexo no simples, permite à luz do intelecto dissipar as ambigüidades. Esse é um momento preparatório essencial, já que, se a evidência é necessária para a certeza, o simples é tão claro e distinto que a mente não pode mais dividi-lo. Chega-se às grandes conquistas etapa após etapa. Este é o caminho que permite escapar às generalizações. O procedimento analítico deveria permitir a libertação do verdadeiro que está misturado com o falso. A análise de-

signa aqui o método que consiste em supor conhecida a linha desconhecida, em estabelecer as relações que a ligam a grandezas conhecidas, até que se possa construí-la a partir destas relações. Assim, não é pois questão somente de dividir apenas, mas também de decompor até elementos mais simples cuja combinação engendrará a solução.

Mas a decomposição do conjunto em seus elementos simples não basta, porque apresenta um conjunto desarticulado de elementos, mas não o nexo de coesão que deles faz um todo complexo real. Por isso, à análise deve-se seguir a síntese, o objetivo da terceira regra, que Descartes assim enuncia:

“O terceiro, o de conduzir por ordem meus pensamentos, começando pelos objetos mais simples e mais fáceis de conhecer, para subir, pouco a pouco, como por degraus, até o conhecimento dos mais compostos, e supondo mesmo uma ordem entre os que não se precedem naturalmente uns aos outros” (*Idem, ibidem*, p. 54).

Assim, é necessário recompor os elementos em que foi decomposta uma realidade complexa. Trata-se de uma síntese que deve partir de elementos absolutos, ou não dependentes de outros, e direcionar-se para os elementos relativos ou dependentes, dando lugar assim a um encadeamento que ilumina os nexos do conjunto. Trata-se de recompor a ordem ou criar uma cadeia de raciocínios que se desenvolvam do simples ao composto, e que não pode deixar de ter uma correspondência na realidade. Quando esta ordem não existe, é preciso supô-la como a hipótese mais conveniente para interpretar e expressar a realidade efetiva. A sua importância está no fato de que a reconstrução do objeto pelo pensamento o torna diferente, pois faz parte do conhecimento. A ordem é o que garante a homogeneidade de um domínio e da possibilidade de determinar com certeza o que está nele incluído ou não. Com isto teremos um conhecimento exato. E para nos esclarecer quanto à suposição de uma ordem entre os que não se procedem naturalmente, assim nos fala Descartes:

“E como, efetivamente, ousou dizer que é exata a observação desses poucos preceitos que eu escolherei me deu tal facilidade de deslindar todas *sic* as questões às quais se estendem essas duas ciências, que, nos dois ou três meses que empreguei em examiná-las, tendo começado pelas mais simples e mais gerais, e constituindo cada verdade que eu achava uma regra que me servia em seguida para achar outras, não só consegui resolver muitas que julgava antes muito difíceis, como me pareceu também, perto do fim, que podia determinar, mesmo naquelas que ignorava, por quais meios e até onde seria possível resolvê-las” (*Idem, ibidem*, p. 57).

Por fim, para impedir qualquer precipitação, que é a mãe de todos os erros, é preciso verificar cada uma das passagens. A precipitação consiste em julgar antes de ser ter chegado à evidência. Por isto, Descartes conclui dizendo:

“E o último, o de fazer em toda parte enumerações tão completas e revisões tão gerais, que eu tivesse a certeza de nada omitir” (*Idem, ibidem*, p. 54).

Portanto, enumeração e revisão. A primeira verifica se a análise é completa, a segunda verifica se a síntese é correta. Trata-se de regras simples, que destacam a necessidade de se ter plena consciência dos momentos em que se articula qualquer pesquisa rigorosa. Elas constituem o modelo do saber, precisamente porque a

clareza e a distinção garantem contra possíveis equívocos, ou apressadas generalizações. Com tal objetivo, diante de problemas complexos como de fenômenos confusos, é preciso chegar aos elementos simples, que não sejam mais possíveis de decompor, para que possam ser totalmente invadidos pela luz da razão. Em suma, para proceder com correção, é preciso repetir, a propósito de qualquer pesquisa, aquele movimento de simplificação e rigorosa concatenação constituído pelas operações típicas do procedimento geométrico. A necessidade não é de evitar a dúvida, e sim de se apoiar nela para superá-la, fazendo dela o caminho da verdade.